

A IARA

Iara é uma linda moça que mora no fundo das águas. À tardinha vem colher flores aquáticas e brincar com os peixinhos à tona d'água e, quase sempre, transforma-se em flor e depois em moça novamente. Nessa ocasião canta e encanta os moços que a veem.

As índias velhas dizem aos filhos que não se aproximem de Iara, pois ela gosta de afogá-los.

Certo dia um índio valente remava bem sossegado na hora do pôr-do-sol. Os pássaros voltavam aos seus ninhos e os sapos coaxavam. Anoitecia. De repente o jovem tapuia* ouviu a voz maravilhosa da Iara e se encantou com uma flor que viu, subitamente brotar na água. Ficou maravilhado! Lembrou-se dos conselhos da mãe, tentou fugir e não conseguiu. Já era tarde! A flor transformara-se em Iara e sacudia os lindos cabelos negros. Ela cantava, cantava e sua voz doce perseguia os ouvidos do índio. Ele foi, cada vez mais, remando em sua direção. E a Iara, sempre cantando, levou o moço para o fundo das águas. Dizem que ela faz isso até hoje, sempre que um rapaz a vê e ouve seu canto.

*tapuia: termo que foi utilizado, ao longo dos séculos, no Brasil, para designar os índios que não falavam a língua Tupi.

Fonte: PEREIRA, M. PRADO, Z. COUTO, M. **Nosso FOLCLORE**. São Paulo, SP: Ed. Ave-Maria, 2000. p. 14.

A VITÓRIA-RÉGIA

Os índios acreditam que cada estrela que brilha no céu é uma índia virgem que se casou com a lua por encantamento, e lá do alto ilumina sua tribo com sabedoria.

Para eles, o masculino e o feminino se misturam: o luar ou a lua é um jovem e belo guerreiro.

A história de amor do luar com as estrelas seduziu uma índia ingênua, Aranaí, que significa “arara vermelha”, cismou de também se transformar em estrela.

Linda, todos os homens da tribo a pediram em casamento, juravam-lhe amor eterno, carinho, fartura, filhos. Mas nada fazia Aranaí mudar de ideia.

Nas noites claras, ela se enfeitava com flores, se perfumava com ervas cheirosas e saía à procura da lua. Subia até o alto da serra, de onde podia apreciar seu amado clareando a terra. A lua olhava para a índia com ternura e a iluminava de uma forma toda especial. Mas não podia fazer mais.

Uma noite, a lua já ia alta. A claridade tomava conta da floresta. As brasas da fogueira já estavam se extinguindo. Homens, mulheres e crianças dormiam protegidos por seus sonhos.

Aranaí acordou com um fecho de luz prateada penetrando em sua oca. Levantou-se de um pulo e correu para a mata até a lagoa grande. Nela se banhava o guerreiro celeste. Sua imagem refletida na água calma parecia chamá-la, sorridente.

A formosa índia se estendeu os braços, oferecendo-se para o amor. Entrou lentamente na lagoa, ao encontro do amado. Entregou-se, assim, ao sonho de também ser estrela.

O luar foi complacente. Aranaí não poderia virar apenas mais uma estrela no céu. Transformou, então, a indiazinha numa flor: uma linda vitória-régia, a estrela d’água.

Quando os raios do luar chegam para acariciar suas pétalas, ela se abre amorosamente, entregando ao guerreiro sua formosura rosada.

Fonte: DUMONT. Sávia. ***Os meninos que viraram estrelas***. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002. p. 35-37.

O CURUPIRA

Onde tem floresta, o Curupira está presente.

Podem-se ouvir suas batidas: toc... toc! É ele, verificando cada árvore da mata, para saber se elas vão suportar a tempestade que já vai cair. Também procura assim os arcos, flechas e a cachaça, que os índios escondem nos ocos dos troncos para agradá-lo.

Os caçadores morrem de medo do Curupira. É ele que avisa os animais da chegada de seus matadores. Corre pelo arvoredo, assobiando, fazendo uma algazarra tão grande que até o mais valente dos valentões estremece.

Pequeno, feio, de olhos grandes e arregalados, unhas azuladas afiadíssimas, seus pés são invertidos: calcanhar para frente, dedos para trás! Assim, quem tenta segui-lo nunca sabe direito para onde ele está indo. Ele aparece e desaparece de repente, deixando seus perseguidores perdidos.

O Curupira nunca anda só. Tem sempre uma turma de porcos-do-mato acompanhando-o. Se os homens que derrubam as árvores ou matam os animais são pegos por ele, levam uma surra tão feia, que não acham mais o caminho de casa. Ficam perdidos na mata. Castigo de Curupira!

Mas quando os amantes da natureza, os protetores das matas e dos rios, dos índios e das crianças precisam do Curupira, ele os ajuda com a maior boa vontade.

Se estão perdidos na mata, com fome e sede, o Curupira os socorre. Facilita a caça, indica os rios de água cristalina. Depois, com muita educação, diz que gostaria de um pouco de fumo, farinha e aguardente da boa.

Então, bebe um gole de cachaça, assobia satisfeito e se despede, pedindo que ninguém conte que o viu e o que ele fez. É segredo!

E ai de quem contar!

Fonte: DUMONT. Sávia. ***Os meninos que viraram estrelas***. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002. p. 09-11.